

Migração e ergologia: compreendendo o prescrito e o real da atividade migratória

Milena Cristina da Silva Vargas Vargas¹
Maryana Pereira Jacomé²
Carolynne Reis Barros³

Resumo

Este artigo se insere nas discussões feitas a partir da pesquisa em curso intitulada Dinâmicas migratórias dos trabalhadores haitianos em Belo Horizonte: precariedade transnacional, que tem como foco compreender as dinâmicas migratórias de trabalhadores haitianos em Belo Horizonte e região metropolitana, a partir da ideia de uma existência precária tanto no Haiti quanto no país de destino. Nesta escrita objetivamos compreender quais os processos estão envolvidos na passagem do plano da migração para a experiência real de ser migrante a partir da compreensão de que migrar é uma atividade humana. Para isso, articulamos a Ergologia e conceitualizações/experiências de migração que compreendem os deslocamentos como consequência de causas diversas e motivações que não se encerram no sujeito e nem se definem unicamente no nível da fronteira. Ao compreender o projeto migratório como uma atividade, é possível afirmar que há uma atividade prescrita e uma atividade real e, interessa-nos compreender o que acontece nessa distância. O sujeito em mobilidade constantemente renormaliza, buscando saídas individuais e coletivas para criar normas que possibilitem sua existência. Assim, a perspectiva ergológica, ao partir do ponto de vista da atividade humana, oferece-nos uma ampliação na compreensão dos projetos migratórios, possibilitando a compreensão dos impactos psicossociais da experiência de migrar. Tal ampliação pode contribuir para a construção de políticas públicas de acolhimento a migrantes e refugiados ao centralizar condições concretas de existência dos sujeitos migrantes.

Palavras-chave: atividade humana; ergologia; Haiti; migração; psicologia do trabalho.

1. Introdução

Os processos migratórios fazem parte da nossa história. Seja na pré-história, no contexto bíblico ou nos tempos atuais, é possível identificarmos a migração realizada com o objetivo de construir novas possibilidades de vida e existência. Sendo assim, podemos afirmar que a migração não é um fenômeno novo. No entanto, as condições sob as quais ela acontece se modificam a cada tempo histórico e são influenciadas sobremaneira pelo modo de produção vigente (BARROS, 2017). Neste artigo, interessa-nos as mobilidades geridas e gestadas no modo de produção capitalista que são, portanto, atravessadas por marcadores sociais específicos de raça, classe e fronteira geopolítica.

Há diversas definições de migração que, como defende Sayad (1998), deve ser pensada enquanto um fato social completo, sendo necessário evocar diversas disciplinas para

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais; Residente Multiprofissional do Hospital Metropolitano Odilon Behrens; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; milenacswaregs@gmail.com

² Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; maryana.jacome22@gmail.com

³ Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professora doutora do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; reis-barros@ufmg.br

analisá-la. Partimos de conceituações que consideram a migração como processo de mobilidade e movimento. O Observatório Internacional de Migração (OIM) a define como:

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos (OIM, 2009, p. 40).

A partir dessa definição, concordamos que “é mais o sujeito em mobilidade e em circulação do que o emigrante ou imigrante que está no coração da análise” (HANDERSON, 2015, p. 181). Assim, optamos por utilizar o conceito de migração e não distinguir entre imigração ou emigração, já que todo sujeito imigrante, emigra de algum lugar e esses processos se apresentam como “duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração” (SAYAD, 1998, p. 14).

Dessa forma, refletiremos sobre a migração a partir de conceitualizações/experiências que compreendam os deslocamentos como sequência de causas diversas e motivações que não se encerram no sujeito, nem se definem unicamente no nível da fronteira. Teceremos discussões sobre a atividade migratória compreendendo-a enquanto uma atividade complexa e, a partir do diálogo com a Ergologia, analisar o prescrito e o real da migração. Partimos, portanto, da ideia de que existem normas e valores que compõem o plano migratório e a experiência real de ser migrante considerando a compreensão de que migrar é uma atividade humana. Analisada ergologicamente, a migração envolve um projeto, e é convocada por dimensões coletivas do viver junto, debate de normas e valores e dramáticas do uso de si.

Ressaltamos que este trabalho é um desdobramento da pesquisa intitulada *Dinâmicas migratórias dos trabalhadores haitianos em Belo Horizonte: precariedade transnacional*, cujo objetivo foi compreender as dinâmicas migratórias de trabalhadores haitianos em Belo Horizonte e região metropolitana a partir da ideia de uma existência precária tanto no Haiti quanto no país de destino, considerando que essa precariedade possui qualidades e características diferentes, principalmente no que se refere ao mundo laboral.

2 A ergologia e o estudo da atividade humana

Antes de realizarmos uma discussão sobre as possíveis contribuições da Ergologia para a compreensão da experiência migratória haitiana, apresentaremos brevemente a perspectiva ergológica, o conceito de atividade humana a partir da Ergologia e suas características epistemológicas.

2.1 A construção da perspectiva ergológica

A perspectiva ergológica começa a ser construída no início da década de 1980 em um contexto social e político marcado pela acentuada crise das organizações de trabalho taylorista-fordista que, de forma geral, buscavam maior controle e previsibilidade na execução do trabalho (VIEIRA JUNIOR; SANTOS, 2012), e pelo declínio da sociedade salarial (CASTEL, 1998). O resultado da aplicação desses modelos foram trabalhadores adoecidos e inúmeros acidentes nas fábricas, fatos que impulsionaram a construção de movimentos que buscavam, a partir de uma perspectiva horizontal e pluridisciplinar de produção de saber (SCHWARTZ, 2016), conhecer melhor as realidades de trabalho, possibilitando a produção de melhores condições para sua realização.

A ergologia possui algumas filiações teóricas que consideramos importantes de serem elucidadas, visto que a partir delas podemos compreender quais são as bases convocadas por essa abordagem para pensarmos amplamente o mundo do trabalho.

O Movimento Operário Italiano (MOI) é uma grande influência para abordagem ergológica, pois esse grupo inicia uma série de discussões relacionadas à saúde do trabalhador a partir da compreensão da produção de saberes na relação entre saúde e trabalho. Assim, o MOI ajudou a construir uma abordagem pluridisciplinar para pensar e intervir sobre o mundo do trabalho, tal como defende a ergologia. A partir das construções feitas pelo MOI, Ivar Odonne e Alessandra Re constroem um dispositivo denominado comunidade científica ampliada, que possibilita a interpretação da realidade laboral a partir da relação entre os saberes formais e os saberes informais (VIEIRA JUNIOR; SANTOS, 2012). A comunidade científica ampliada, inspira a construção do Dispositivo Dinâmico a três polos (DD3P), construído no contexto da abordagem ergológica, sobre o qual falaremos mais adiante.

Outra filiação teórica é a Ergonomia da atividade francesa, a partir das contribuições de Alain Wisner, que nos ajuda a compreender que há uma distância entre a atividade prescrita, que é orientada a ser feita constituída por normas formais e informais, verbais e orais, e a atividade real, que comporta o que de fato acontece. A ergologia busca, portanto, compreender o que acontece também neste intervalo para que a atividade real aconteça. Por fim, a ergologia é influenciada pela filosofia das normas de Georges Canguilhem (2001), que apresenta uma compreensão da impossibilidade de uma vida totalmente determinada pelo outro. A produção da vida e da saúde acontece na produção das próprias normas vitais em relação às normas coletivas na atividade humana. De acordo com o autor, “todo homem quer ser sujeito de suas próprias normas” (CANGUILHEM, 2001, p. 120). Assim, ao afirmar que

o processo de produção de saúde está diretamente relacionado à tendência à normalização diante das infidelidades do meio, essa construção influencia sobremaneira o pressuposto ergológico de que toda atividade humana é composta por normas e processos de renormalização.

Nesse sentido, inspirado pelo MOI (Movimento Operário Italiano), pela filosofia das normas de Georges Canguilhem e pelas contribuições de Alain Wisner na ergonomia francesa, Yves Schwartz propõe, em 1980, a criação do estágio de formação contínua de 160 horas na Universidade de Provence. Assim, um grupo composto por pesquisadores da medicina, ergonomia, psicologia, linguística e trabalhadores das indústrias inicia esse trabalho com o objetivo de colocar em prática as ideias de construção coletiva de saberes e promover a difusão dos debates propostos por esses autores. Para a perspectiva ergológica, o trabalho, por ser uma atividade humana complexa, deve ser analisado por meio do diálogo entre diferentes disciplinas, caso contrário será uma análise sempre mutilante (CUNHA, 2007). Os estudos foram reconhecidos levando a criação de um diploma universitário – indicando uma solidez da perspectiva ergológica e sua importância para as intervenções sobre a atividade de trabalho (VIEIRA JUNIOR; SANTOS, 2012).

A perspectiva ergológica aponta que para compreender e intervir sobre o mundo do trabalho é necessário dialogar com os trabalhadores, esse diálogo é possibilitado pelo Dispositivo Dinâmico a Três Polos (DD3P). Os polos que constituem esse dispositivo são denominados de: polo dos saberes constituídos, polo dos saberes investidos na atividade e polo de exigências ergológicas. Esse dispositivo visa colocar em diálogo, a partir de uma experiência horizontal, dois tipos de saberes: os saberes constituídos, técnicos ou científicos, que correspondem aos saberes disciplinares, aqueles que antecedem a atividade real, e os saberes investidos na atividade construídos pelos trabalhadores no cotidiano laboral que são, portanto, fruto da experiência da reconfiguração das normas e não podem ser totalmente controlados ou previstos pelos saberes constituídos. Na perspectiva ergológica, para analisar as situações de trabalho, esses saberes devem estar em constante diálogo, que fica a cargo do terceiro polo denominado polo das exigências ergológicas e baseia-se em uma perspectiva ética e horizontal nos encontros. Assim, se realizados de outra forma, os encontros entre pesquisadores e sujeitos da experiência podem propor debates acadêmicos infrutíferos (TRINQUET, 2010). O DD3P constitui-se enquanto uma postura ergológica, seguindo a ideia de que para se conhecer e intervir sobre as realidades construídas no seio da atividade, devemos dialogar com aqueles que estão no âmago da experiência. Assim, tal como nos estudos da atividade de trabalho, é possível analisar a migração a partir da atividade

migratória, o que implica adotarmos uma postura apresentada no Dispositivo Dinâmico a Três Polos.

A partir da ergologia é possível analisar e intervir tanto em realidades oriundas do trabalho em sua manifestação assalariada – a partir de sua forma *stricto sensu*, como nos ensina Schwartz –, quanto na atividade humana fora desse contexto de trabalho assalariado. O conceito de atividade apresentado a seguir por Lhuilhier (2017), a partir da Psicossociologia do Trabalho, ajuda-nos a pensar nessa possibilidade visto que:

Ao privilegiar o conceito de atividade, rearticulamos a vida de trabalho e a vida de não-trabalho (fora do trabalho assalariado) para estudar os processos de interação entre as diversas esferas de atividades. A vida no âmbito do não trabalho inclui atividades domésticas, familiares, associativas, sindicais, políticas, de sociabilidade formal e informal... Cada uma delas pode ficar sob o domínio do trabalho profissional e, reciprocamente, fornecer-lhe restrições e recursos específicos. Daí a referência à noção de sistema de atividades, regulado pelo modelo de vida (Curie et al., 1987). O modelo de vida é produto da história do sujeito, ou seja, de suas atividades anteriores, mas ele é também orientado pelos projetos deste mesmo sujeito que tenta coordenar os meios e fins visados (LHUILIER, 2017, p. 302-303)

A Psicossociologia do Trabalho e a Ergologia são duas perspectivas possíveis de serem entrecruzadas para pensarmos o conceito de atividade humana de forma mais ampliada, visto que buscam pensar o trabalho desde um ponto de vista antropológico, que leve em conta a complexidade do sujeito e as dimensões intersubjetivas e coletivas que ajudam a construir a atividade (CUNHA, 2014).

Nesse sentido, o conceito de atividade humana na medida que ultrapassa os limites do trabalho assalariado e/ou profissional, nos permite localizar e analisar a migração a partir de sua consideração enquanto atividade. Para a perspectiva ergológica, a atividade humana sempre terá uma parte imprevisível, visto que há sempre uma diferença entre a atividade prescrita e a atividade real, interessa-nos, portanto, o que acontece nesse intervalo: debate de normas e valores, dramáticas do uso de si. Schwartz (2016) afirma que a abordagem ergológica compreende a atividade “como uma trama de renegociações permanentes” (p. 93) das normas que antecedem todo agir humano. Nesse sentido, ao realizar sua atividade, o sujeito não se despe de suas crenças, seu laço social, seus valores morais coletivos e aquilo que viveu/experenciou anteriormente.

2.2 Atividade humana e sua complexidade

Como afirmamos anteriormente, ao pensar o conceito de atividade de forma ampliada, podemos pensar sua manifestação em diversos contextos, compreendendo sua dimensão cotidiana e seu atravessamento por questões políticas, econômicas e sociais. Schwartz (2021)

afirma que a atividade não pode ser considerada como mera ação – ela é uma luta permanente contra a inércia e a indiferença, é propulsora da vida (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008). Por meio da atividade fazemos escolhas, transformamo-nos, transformamos o mundo e, portanto, produzimos história:

A atividade é, então, esse destino da espécie humana que é de viver, de ter, continuamente, de se decidir por ela mesma, de se movimentar por meio de normas antecedentes, com esse caráter especificamente humano das normas e o fato de ter de renormalizar, de “fazer história” (...). Isso define, bastante profundamente, parece-me, atividade humana (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015, p. 62).

Há um postulado ergológico que afirma que a atividade é construída por dois eixos: do impossível e do invivível. O eixo do impossível traz a dimensão de que a atividade humana nunca pode ser totalmente antecipada, visto que há sempre uma diferença entre o prescrito e o real e o eixo do invivível aponta que o meio sempre será infiel, os sujeitos sempre terão que renormalizar para produzir saúde, para produzir história (SCHWARTZ, 2021).

A perspectiva ergológica considera a atividade enquanto transgressora e afirma que é necessária uma abordagem pluridisciplinar para compreendê-la. Há alguns pressupostos ergológicos em relação a atividade que são: existe sempre uma distância entre a atividade prescrita e a atividade real; essa distância é sempre ressingularizada, a distância remete à atividade de corpo-si e ao debate de normas e valores (DURRIVE; SCHWARTZ, 2007).

Nesse sentido, a passagem da atividade prescrita para a atividade real compreende o debate de normas e valores e as dramáticas do uso de si, sobre os quais falaremos a seguir. É válido ressaltar que utilizamos essa ideia de *passagem* apenas para fins didáticos, na experiência da atividade essas duas dimensões - prescritas e reais - e o que as movimentam estão entrelaçadas a todo momento.

2.3 Debate de normas e dramáticas dos usos de si

Afirmar a complexidade da atividade humana convoca-nos a pensar em suas características a partir dos dois postulados apresentados anteriormente. Schwartz (2021) afirma que o conceito de atividade para ergologia “tem por função, por significado ou por objetivo de reunir partes do ser humano, anteriormente separadas, deslocadas pelo que devemos, contudo, reconhecer como ‘boas razões filosóficas’” (SCHWARTZ, 2021, p. 4).

Os dois eixos que compõem o postulado ergológico nos ajudam a pensar que toda atividade humana será composta por um *debate de normas*, de acordo com Schwartz e Durrive (2015) esse debate é sempre composto pelas normas antecedentes e pelas renormalizações. O glossário de ergologia nos traz a seguinte reflexão sobre as normas:

Norma é uma palavra latina que significa o esquadro. A norma exprime o que uma instância avalia como devendo ser: segundo o caso, um ideal, uma regra, um objectivo, um modelo. Esta instância pode ser exterior ao indivíduo [normas impostas e mais ou menos assumidas], como pode ser o próprio indivíduo [normas instauradas na actividade], porque cada um procura ser produtor das suas próprias normas, na origem das exigências que o governam (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 7-8).

Para construírem sua atividade, as pessoas precisam se amparar sobre as normas antecedentes, Schwartz e Durrive (2015) afirmam que, a partir do conhecimento dessas normas antecedentes, há o debate de normas que ajuda a construir o processo de renormalização, esse debate acontece, pois, nenhuma atividade humana é puramente execução e sempre é singular, visto que:

Essa reprodução de maneira idêntica é impossível, ou então se anula o que se disse a propósito do “vai e vem”. Dito de outro modo, se é impossível e invivível que exista uma repetição estrita, execução então, mecanismo, portanto, no agir humano, isso significa que, no vai e vem há uma dimensão da ordem do que não pode ser prepensado, prenormalizado, preestabilizado (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015, p. 59).

A renormalização é definida como a reinterpretação de normas que são propostas ao sujeito, já que as normas sempre apresentam lacunas e não contemplam as variabilidades do local, da situação e do sujeito, que precisa se apropriar do meio, renormalizando-o. Deste modo, “é o processo de renormalização que está no cerne da actividade. Em parte, cada um chega a transgredir certas normas, a distorcê-las de forma a elas se apropriar” (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008). Esse, portanto, é o processo que torna possível construir a experiência na atividade: renormalizar as normas inseridas na atividade prescrita.

Schwartz e Durrive (2015) afirmam que há um *continuum* entre as normas antecedentes escritas e não escritas (ou normas codificadas e não codificadas), e as normas antecedentes codificadas geralmente estão ligadas a normas antecedentes não codificadas, é o que eles definem como princípio de anonimização e antecipação. Geralmente a relação entre as normas antecedentes não codificadas e as codificadas é mediada pela sociedade de mercado e de direito, indicando que há uma tendência de codificação das normas. Há partes desta norma que são escritas, por exemplo, na construção de uma lei que irá orientar a atuação da política migratória, prescrevendo como deverá ser essa ação. No entanto, há parte dessas normas que não estão escritas, não estão indicadas de forma nítida na prescrição, como por exemplo os valores relacionados ao bem comum, que devem (ou deveriam) ser parte dessas normas antecedentes ou situações que escapam do prescrito das políticas migratórias.

Além disso, é importante afirmar que as normas antecedentes não são hierarquizadas a priori - há um processo de codificação social, de como a sociedade irá compreendê-las. Isso

nos leva a afirmar que não é possível pensar em debate de normas sem evocarmos um mundo de valores. Os valores são apreendidos ao longo da existência e permeiam a forma como os indivíduos vão se colocar no mundo, orientam as escolhas e estão presentes também nas instituições jurídicas, sociais, religiosas e políticas. “Os valores têm participação ativa e decisiva em todas as relações vivenciadas pelos homens e emergem sempre na ação humana”. (PONTES; SANTOS, 2015, p. 14)

Schwartz e Durrive (2015) afirmam que há dois tipos de valores: os valores dimensionados ou quantificáveis e os valores não dimensionados relacionados “a saúde, a justiça, o bem-estar, o bem viver comum” (DURRIVE; SCHWARTZ, 2015, p. 29) Os valores sem dimensão não permitem uma definição fechada, exatamente porque não é possível antecipar o que significa para o outro o que é justiça, bem-estar, autonomia e igualdade entre as pessoas. Nesse sentido, compreendemos que os valores sem dimensão convocam e se materializam em experiências relacionadas aos marcadores sociais das diferenças, como raça, nacionalidade e gênero, ajudando também a construir normas que são atravessadas por esses marcadores. Schwartz e Durrive (2015) afirmam que não existem normas que não estejam ancoradas a um mundo de valores, visto que “os valores sustentam as normas” (DURRIVE; SCHWARTZ, 2015, p. 29).

Nesse sentido, a ergologia constrói a ideia de que o debate de normas que convoca um mundo de valores são parte do que chamamos de *dramáticas dos usos de si*. O termo dramáticas se refere a uma dimensão do acontecimento (SCHWARTZ; DURRIVE, 2015), da experiência e estará presente tanto na dimensão prescrita da atividade, quanto na dimensão real e, também, na lacuna existente entre as duas:

Na origem, um drama – individual ou colectivo – tem lugar quando ocorrem acontecimentos que quebram os ritmos das sequências habituais, antecipáveis, da vida. Daí a necessidade de reagir, no sentido de: tratar esses acontecimentos, “fazer uso de si”. Ao mesmo tempo, isto produz novos acontecimentos, por conseguinte, transforma a relação com o meio e entre as pessoas (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 25).

As dramáticas do uso de si se constituem pelos: uso de si por si, uso de si pelos outros e corpo-si. O uso de si pelos outros corresponde a dimensão prescrita da atividade, é aquilo que se estabelece a priori como as normas antecedentes e os valores historicamente constituídos (SCHWARTZ, 2000). O uso de si por si corresponde a dimensão da atividade real, envolve as escolhas, as renormalizações feitas por quem realiza a atividade. E o *corpo-si* é a dimensão da experiência, que abarca um enigma, algo que não pode ser definido, tal como nos ensina Schwartz:

É por isso que não sabemos bem quem faz experiência. Tenho uma expressão para designar esse enigma, *corpo-si* ou a *pessoa-si*. Nisto que faz experiência, há história de nossos fracassos, nossos sofrimentos, nossos sucessos, nossos engajamentos com uns e outros, atravessados pelas nossas relações com os valores; e nosso corpo carrega essa história sem que nós a saibamos muito bem. É tudo isso que faz experiência (SCHWARTZ, 2010, p. 43).

O *corpo-si* é a matriz da atividade e está entre aquilo que se deseja fazer e o que pode ser feito. A seguir, apresentaremos uma breve discussão acerca da migração a partir da ergologia.

3 Atividade migratória a partir da ergologia

A seguir, refletiremos sobre as possíveis contribuições da Ergologia para a compreensão da experiência migratória haitiana. Para isso, discutiremos a atividade prescrita e a atividade migratória real.

3.1 Atividade prescrita

A atividade migratória prescrita envolve o sujeito, sua família, sua comunidade, a história construída na migração por outros sujeitos migrantes, seja da sua família, seja da sua comunidade. Envolve também as expectativas e os projetos de futuro, tanto em suas dimensões subjetivas quanto coletivas. A migração, enquanto mobilidade gerida e gestada no capitalismo, assume um lugar de ascensão psicossocial. Pensando na migração haitiana, o país vive a migração enquanto uma prática comum de seus nacionais:

É um dos poucos países americanos que produz um número elevado de migrantes, uma situação que se configura como uma ineficácia do Estado em garantir direitos desde 1804 a partir da sua independência. Sendo assim, a migração haitiana adquire diferentes formas e características ao longo da história (BARROS, 2017, p. 51).

A prescrição migratória ou da mobilidade humana, ao envolver a família, revela que a migração pode ser compreendida enquanto um projeto coletivo. A exemplo do Haiti, especificamente, mostra-nos a forte presença da coletividade na migração, que se torna uma conquista da família, um movimento econômico nacional, fato que pode ser percebido no retorno ao país:

Quando estes viajantes voltam ao Haiti, eles mesmos se autodesignam e são denominados pelos que ficaram no país de *diaspora* ou *diaspora* (*diáspora*). Dentre eles, alguns exibem o sucesso da viagem através da construção de casas também chamadas de *kay diaspora* (*casas diáspora*) e nelas há objetos trazidos dos países de residência que são chamados *bagay diaspora* (*objetos diásporas*) (HANDERSON, 2015 p. 178).

A atividade migratória prescrita é permeada por expectativas e planejamentos, espera-se que a migração represente uma melhora das condições de vida, materiais ou não, no âmbito individual e coletivo. Nesse sentido, na atividade prescrita da migração há a elaboração do plano econômico e financeiro, por meio de um planejamento familiar que envolve, por exemplo, o envio da remessa contemplando os anseios de mobilidade psicossocial além da sobrevivência no país de destino. Além desses aspectos, as burocracias da viagem tais como preparo de passaporte, visto, compra de passagens, mapeamento das hospedagens e lugares na via terrestre, aspectos das travessias, sejam elas terrestres, marítimas ou aéreas. Esse planejamento é composto por caminhos e procedimentos que indicam como uma migração bem-feita deve ocorrer e podem ser consideradas as normas antecedentes, pois apresenta caminhos prescritos para a mobilidade. No entanto, nada disso engloba o real, visto que nenhuma atividade é apenas execução daquilo que está prescrito, é sempre preciso renormalizar.

Acreditamos que a partir da discussão sobre o debate de normas seja possível considerar a existência de dimensões não codificadas das normas antecedentes que envolvem a política migratória, muitas vezes, exercida de forma violenta e criminalizadora para alguns migrantes, notadamente do Sul Global, e, ao mesmo tempo, integradora e acolhedora com migrantes do Norte Global. Essa prática pode ser compreendida como uma manifestação do xenoracismo, conceito proposto pelo romancista srilankês Ambalavaner Sivanandan, que seria uma relação entre processos xenofóbicos e racistas como marcadores de processos migratórios, nesse sentido:

A proposta de Sivanandan é denunciar que as discriminações e demonizações (demonisation) impostas às pessoas negras – em seu rebaixamento para aquém do humano – passariam a ser estendidas também aos migrantes empobrecidos ou miseráveis em busca de asilo, no atual contexto do capitalismo (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2022, p. 196).

Esse conceito de xenoracismo nos ajuda a compreender a lógica que permeia a definição de determinados processos migratórios qualificados enquanto um problema e também os valores que circulam dentro do modo de produção capitalista sobre a mobilidade humana entre fronteiras e que compõem a experiência real de migrar. Podemos acrescentar também as metáforas (FERREIRA; FLISTER; MOROSINI, 2017) que são convocadas para falar da migração: onda migratória, inundação de migrantes - ajudando a construir a ideia de que a atividade migratória deve ser considerada enquanto um problema.

Na atividade prescrita da migração há, portanto, as leis a serem seguidas, documentos a serem demandados, características da travessia e valores - dimensões que ajudam a compor

o uso de si pelos outros. Mas o que acontece na experiência real da migração? Quais são os atravessamentos que o meio - sempre infiel - impõe àqueles que migram?

3.2 Atividade migratória real

Apontamos anteriormente que há uma distância entre a atividade prescrita e a atividade real e que a ergologia se propõe também a estudar o que acontece nesse intervalo, a partir do *debate de normas* ancorado em um mundo sobre *valores* e as *dramáticas dos usos de si*. Como uma atividade, essas dimensões também estão presentes na migração, assim, na atividade migratória real, o sujeito em mobilidade depara-se com a brutalidade das fronteiras, os entraves burocráticos no caminho e na chegada ao país de destino, e as dificuldades do idioma, de acesso às políticas públicas, de precariedades de existência e vivências sociais novas, além dos caminhos e procedimentos que compõem a atividade migratória prescrita, tais como a remessa, o planejamento para atravessar as fronteiras, a partida do país de origem, a viagem, e a chegada ao país de destino. Dantas (2017) aponta que tanto “a motivação da partida e o momento de chegada e o ajuste ao novo ambiente envolvem processos psicológicos específicos” (DANTAS, 2017, p. 57). Envolve, portanto, ao pensarmos em um conceito ergológico a dimensão do sujeito em seu *corpo-si*, que, como explicamos, não diz respeito apenas à dimensão biológica do corpo, mas também a sua dimensão histórica, aos valores incorporados, às renormalizações – o *corpo-si* é produzido a partir das experiências vividas. Pensar o sujeito que migra em seu *corpo-si* é fundamental para criticar construções que pensam a migração de forma multilante e acabam por promover processos discriminatórios.

Seguindo essa mesma ideia, Dantas (2017) também afirma que é importante conhecer esses processos para compreender a experiência de migrar e propor políticas de acolhimento institucional aos migrantes, com foco em uma perspectiva intercultural, de diálogo entre as culturas e não com ações marcadas pelo apagamento dela.

Nesse sentido, a experiência que compõe a atividade migratória real é também permeada por marcadores específicos na política migratória dos países de destino, no caso dos migrantes haitianos, bem como dos migrantes oriundos de outros países do sul global, os valores presentes na política migratória também são perpassados pelo racismo, xenofobia e a desconsideração daquela mobilidade enquanto legítima. Assim, é possível afirmar que esses valores ajudam na construção das normas e renormalizações que irão compor essa política que incide diretamente sobre os sujeitos. É como nos ensina Butler, a partir da ideia de que existem vidas mais precárias, envolvidas por enquadramentos normativos: “se certas vidas

não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras” (BUTLER, 2015, p. 12). Barros (2017) nos ajuda a compreender que esses enquadramentos dos quais Butler fala, estão presentes também no processo de construção da política migratória que, muitas vezes, é permeada por processos de segregação e dualidades, que são geradores de rompimentos e dificuldades.

Uma política de fronteira que promova a mobilidade, isto é, uma fronteira aberta que facilite a entrada, a permanência e a saída do país, é apontada como uma das razões para escolher o país de destino. Mas, nos governos democráticos, a fronteira é contraditória e pode ao mesmo tempo, a partir de diferentes maneiras, facilitar a permanência e dificultar a entrada (BARROS, 2017, p. 82).

Os espaços e países de destino da migração tem o poder da violência que, como defende Sayad (1998), não são somente físicos, “é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (principalmente através das duas realizações culturais que são a língua e a religião)” (SAYAD, 1998, p. 15).

Com tantas implicações, acarretadas pela gestão extremamente violenta das migrações no modo de produção capitalista, faz com que a experiência de migrar também seja marcada por processos de violência. O sujeito em mobilidade, constantemente se renormaliza, buscando saídas individuais e coletivas para criar normas que possibilitem sua existência. A construção de coletividades é frequente no processo migratório, com o avanço da tecnologia e processos de globalização (SANTOS, 2002), a criação de redes de migrantes está cada vez mais interligada e informativa (SASSEN, 2010). Essas redes auxiliam nas decisões de partir, mudanças de territórios e demais destinos baseados na rede de contatos do migrante, bem como a ajuda mútua de moradia e alimentação, que se dá ao chegar no país de destino.

Como aparece em entrevistas da tese de Barros (2017) e tem aparecido também a partir de análises iniciais das entrevistas de nossa pesquisa em curso, há tipos específicos de migrantes tolerados e bem recepcionados, sobretudo aqueles naturais dos países do norte global, e há também convocações relacionadas à raça na experiência de migrar, que irão ajudar a compor as dramáticas do uso de si: o uso de si pelo outro normatizado pelo racismo, que aparece enquanto uma construção estrutural (ALMEIDA, 2019), o uso de si por si e *corpo-si* atravessados pela experiência e vivência de marcadores raciais. Além disso, as vivências e construções relacionadas a esses marcadores raciais ajudam a compor os valores sem dimensão presentes na atividade do migrar, visto que há valores construídos socialmente marcados por concepções racistas – de superioridade de uma raça em relação a outra, que

ajudam a construir uma estrutura social intolerante à diferença e que, por sua vez, irá atravessar a atividade.

Além disso, a falta de oportunidades bem remuneradas também aparece nas entrevistas como uma grande barreira, o não reconhecimento de seus conhecimentos e experiências, demonstrado na dificuldade de revalidação de diplomas e resistência mercadológica em ser contratado na sua área de formação ou interesse geram impactos na autoestima e trazem consequências para como o sujeito se coloca no mundo, na experiência. Além disso, podem gerar o impedimento de permanência no país já que, muitas vezes, a remuneração que recebem pelo trabalho não é suficiente para se sustentarem e, conseqüentemente, não é possível enviar o dinheiro de remessa que é um dos pontos principais da migração haitiana. A saudade do país de origem, dos familiares e amigos, também marcante nos relatos e colocada por Gomes (2017) como um dos aspectos psicossociais da migração, ajuda a compor a experiência. A falta de condições materiais e legais para que as visitas ao país de origem ou visitas dos familiares/amigos ao Brasil aconteçam se mostram como um dos maiores desafios da migração.

A situação material e de acesso a recursos básicos para a reprodução da vida se torna ainda mais desafiadora no contexto de crise financeira que afeta diferentemente as pessoas em mobilidade, as deixam mais vulneráveis e suscetíveis a situações de risco, trabalhos precários, sem garantia de direitos, com pagamentos irrisórios (BARROS; GEORGES, 2020). Sayad (1998) traz em seus escritos como o migrante nasce a partir da associação de variáveis com problemas, a partir disso a migração passa a ser lida enquanto “o problema da migração”.

Nesse sentido, para compreender os movimentos migratórios e produzir transformações a partir dos direitos humanos, é fundamental trazer para o âmago das discussões as experiências das pessoas que migram, seguindo, como já apontado, a postura ergológica de diálogo entre os saberes, possibilitada pelo DD3P, buscando compreender o real da migração: as normas que envolvem essa atividade, as renormalizações e os valores convocados na experiência. Esse diálogo entre os saberes pode contribuir para a construção de políticas públicas mais próximas do real da migração, produção de guias técnicos e cartilhas para atuação profissional junto aos migrantes, além de possibilitar a desconstrução de análises meramente economicistas sobre o tema migratório.

4. Considerações finais

Com este artigo pretendemos compreender a migração pelas lentes da ergologia e pensá-la enquanto uma atividade humana que traz consigo, de um lado, normas antecedentes

oriundas do ambiente histórico, social, gerencial, técnico, combinando de maneira muitas vezes perversa, saberes patrimoniais, genéricos e normas de governança assimétricas de grupos sociais diferenciados por seus recursos e poderes; de outro lado, obrigações absolutas para se dar aqui e agora normas reprocessadas de trabalho e de vida.

Esperamos que essa perspectiva traga ainda mais complexidade às análises das mobilidades humanas com enfoque na atividade que comporta suas dimensões subjetivas, coletivas e os sujeitos frente a essas convocações. Assim, distanciamos-nos de teorias que as qualificam como um problema, e, ao mesmo tempo, aproximamos-nos de perspectivas que constroem a migração como uma atividade produtora de histórias, vidas e existências.

Ao considerarmos a migração enquanto uma atividade, é possível, como foi exposto, afirmar que há uma atividade prescrita – pensada, formulada, pesquisada antes de sua execução – e o projeto real com as infidelidades do meio, os acontecimentos que atravessam esse movimento do migrar: as leis, os processos discriminatórios, a pandemia da COVID-19, o desemprego, os novos encontros e a renormalização dos sujeitos. Tais atividades compõem a existência do sujeito migrante. A perspectiva ergológica, ao partir do ponto de vista da atividade humana, oferece-nos uma ampliação na compreensão dos projetos migratórios ao possibilitar conhecer os impactos psicossociais do projeto migratório no sujeito e sua relação com a sociedade, composições dos processos psicológicos específicos evidenciados anteriormente por Sylvia Dantas (2017) e da dimensão do *corpo-si* proposta pela ergologia. Tal ampliação pode contribuir para a construção de políticas públicas de acolhimento a migrantes e refugiados, caso contrário é possível que se produza análises e ações sempre mutilantes e dicotômicas dessa realidade complexa que compõe a atividade migratória.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BARROS, C. R. *Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BARROS, Carolyne Reis e GEORGES, Phanel. *A lei da viagem: situação de migrantes, refugiados e apátridas na pandemia*. In: GUIMARÃES, Ludmila., CARRETEIRO, Tereza e NASCIUTTI, Jaciara. *Janelas da Pandemia*. Belo Horizonte: Instituto DH. pp.329-340, 2020.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CUNHA, Daisy Moreira (Org.) *Trabalho: minas de saberes e valores*. 1 ed. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Sobre Trabalho e Educação, 2007.

CUNHA, Daisy Moreira. Ergologia e psicossociologia do trabalho: desconforto intelectual, interseções conceituais e trabalho em comum. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. spe1, p. 55-64, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172014000100007&script=sci_abstract>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DANTAS, Sylvia. Saúde mental, interculturalidade e imigração. *Revista USP*, n. 114, p. 55-70, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142368> Acesso em: 10 dez. 2022.

DURRIVE, Louis.; SCHWARTZ, Yves. Glossário da ergologia. *Laboreal*, 4 (1), 23-28. 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/laboreal/11665>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana*, v. 29, p. 193-210, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/remhu/a/WhQNMSS8L6RsKwVWkfr68tg/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

FERREIRA, Luciane C.; FLISTER, Catarina Valle; MOROSINI, Cassio. The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: a Cognitive Linguistics analysis. *Signo*, v. 42, n. 75, p. 59-66, 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/11217>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GOMES, Marcela Andrade. Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). *Psicologia & Sociedade*, v. 29, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/GrDRSXxGZLLqDthNFY9Wpqt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HANDERSON, J. Diáspora, refugiado, migrante: perspectiva etnográfica em mobilidade e transfronteira. *Sociedade e Cultura*, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/53071>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

JÚNIOR, Paulo Roberto Vieira; SANTOS, Eloisa Helena. A gênese da perspectiva ergológica: cenário de construção e conceitos derivados. *Trabalho & Educação*, v. 21, n. 1, p. 83-100, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8729>>. Acesso em: 20 out. 2022.

LHUILIER, Dominique. O agir em psicossociologia do trabalho. *Psicologia em Revista*, v. 23, n. 1, p. 295-311, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/16657>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Observatório Internacional de Migrações [OIM]. Glossário sobre Migração. Direito Internacional da Migração, 2009

PONTES, Cátia Regina Machado; SANTOS, Eloisa Helena. Debate de normas e valores vivenciado pelo sujeito na atividade do trabalho. *Revista Agenda Social*, v. 9, n. 1, p. 8-18, 2015. Disponível em: <<https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2022/07/volume-9-n-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre. Editora Artmed. 2010, 2010

SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHWARTZ, Yves. Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. *ReVEL*, edição especial n. 11, p. 253-264, 2016. Disponível em:
<<http://www.revel.inf.br/files/2e5e27e69e52df1113fd2b52d2d99f39.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

SCHWARTZ, Yves. Qual sujeito para qual experiência? *Tempus. Actas de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 11-23, 2011. Disponível em:
<<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/916>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SCHWARTZ, Yves. *Um breve panorama da história cultural do conceito de atividade*. No Prelo, 2021.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF, p. 191-206, 2007.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana 2*. Editora Fabrefactum, 2015.

Migración y ergología: comprender lo prescrito y lo real de la actividad migratoria

Resumen

Este artículo forma parte de discusiones a partir de la investigación en curso titulada Dinámicas migratorias de los trabajadores haitianos en Belo Horizonte: precariedad transnacional, que se centra en comprender las dinámicas migratorias de los trabajadores haitianos en Belo Horizonte y la región metropolitana, a partir de la idea de un existencia precaria tanto en Haití como en el país de destino. En este escrito pretendemos comprender qué procesos están involucrados en el paso del plan migratorio a la experiencia real de ser migrante a partir de la comprensión de que migrar es una actividad humana. Para ello, articulamos conceptualizaciones/experiencias de ergología y migración que entienden los desplazamientos como consecuencia de diversas causas y motivaciones que no terminan en el sujeto y no se definen únicamente a nivel de frontera. Al entender el proyecto migratorio como una actividad, es posible afirmar que hay una actividad prescrita y una actividad real, y nos interesa entender qué sucede a esa distancia. El sujeto en movilidad se renormaliza constantemente, buscando soluciones individuales y colectivas para crear normas que hagan posible su existencia. Así, la perspectiva ergológica, a partir del punto de vista de la actividad humana, nos ofrece una ampliación en la comprensión de los proyectos migratorios, posibilitando la comprensión de los impactos psicosociales de la experiencia de migrar. Tal expansión puede contribuir a la construcción de políticas públicas de acogida de migrantes y refugiados centralizando condiciones concretas de existencia de los sujetos migrantes.

Palabras clave: actividad humana; ergología; Haití; migración; psicología del Trabajo

Migration et ergologie : comprendre le prescrit et le réel de l'activité migratoire

Résumé

Cet article s'inscrit dans le cadre de réflexions issues de la recherche en cours intitulée Dynamiques migratoires des travailleurs haïtiens à Belo Horizonte : précarité transnationale, qui porte sur la compréhension des dynamiques migratoires des travailleurs haïtiens à Belo Horizonte et dans la région métropolitaine, à partir de l'idée d'un existence précaire tant en Haïti que dans le pays de destination. Dans cet article, nous cherchons à comprendre quels processus sont impliqués dans le passage du plan de migration à l'expérience réelle d'être un migrant en partant du principe que la migration est une activité humaine. Pour cela, nous articulons les conceptualisations/expériences de l'ergologie et de la migration qui comprennent les déplacements comme une conséquence de diverses causes et motivations qui ne s'arrêtent pas au sujet et ne se définissent pas uniquement au niveau frontalier. En appréhendant le projet migratoire comme une activité, il est possible d'affirmer qu'il y a une activité prescrite et une activité réelle, et nous sommes intéressés à comprendre ce qui se passe à cette distance. Le sujet en mobilité se renormalise constamment, cherchant des solutions individuelles et collectives pour créer des normes qui rendent son existence possible. Ainsi, la perspective ergologique, partant du point de vue de l'activité humaine, nous offre un élargissement dans la compréhension des projets migratoires, permettant la compréhension des impacts psychosociaux de l'expérience migratoire. Un tel élargissement peut contribuer à la construction de politiques publiques d'accueil des migrants et des réfugiés en centralisant les conditions concrètes d'existence des sujets migrants.

Mots clés : activité humaine ; ergologie; Haïti; migration; psychologie du travail

Migration and ergology: understanding the prescript and real aspects of migratory activity

Abstract

This article is inserted in discussions that come from the ongoing research called “Dinâmicas migratórias dos trabalhadores haitianos em Belo Horizonte: precariedade transnacional”, which focus concerns understanding the migratory dynamics of Haitian workers in Belo Horizonte and its nearby cities, based on the idea of a precarious

existence not only established in Haiti, but also in the country of arrival. The objective is to comprehend which processes are involved between the migration plan and the actual, real experience of being a migrant, understanding that migration is a human activity. In order to achieve this goal, we articulate ergology with concepts/experiences of migration which understand the travels as consequences of different causes and motivations that are not solely on a person, nor are defined on a frontier level. Understanding the migratory project as an activity leads us to affirm that there is a prescribed activity and a real activity; our interest is to thoroughly understand the inbetween. The person constantly travelling renormalizes, searching for new individual and groupal ways to create norms which allow their existences. Therefore, the ergologic perspective, when allied to the concept of human activity, amplifies the comprehension of migratory projects, making it possible to understand the psychosocial aspects of the migration experience. This amplification can enhance public politics and social services focused on migrants and refugees through concrete conditions of existence.

Keywords: migration ; Haiti; ergology ; human activity; work psychology